

231

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS.
Pós-graduação em Metodologia do Ensino da Língua
Portuguesa.

TAMARA MIRNA OLIVEIRA SANTANA

Oralidade e Escrita nas Séries Iniciais

Jacobina
2004

TAMARA MIRNA OLIVEIRA SANTANA

Oralidade e Escrita nas Séries Iniciais

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como exigência parcial do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa oferecido pelo Colegiado de Letras do Departamento de Ciências Humanas do Campus IV: UNEB – Jacobina.

Orientador: Antenor Rita Gomes

Julho
2004

“... criança precisa transcendendo a si mesma e a seus retratos anteriores, gradualmente, rumo a um processo que nunca é final e que se caracteriza pela obstinação insatisfeita de sua busca e pela alegria de sua vitória sobre cada novo obstáculo, que é o que, precisamente, mais favorece esse crescimento intelectual.” (Jesualdo).

DEDICATÓRIA

A

Rachel, minha mãe querida, por permanecer me apoiando, ajudando sempre a levantar a cada tropeço.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho aborda aspectos da transição da oralidade para a escrita, a parte de textos narrativos elaborado por crianças em fase de alfabetização (1ª série do ensino fundamental) da escola municipal Durval Montenegro, Morro do Chapéu, que atende as crianças das camadas populares.

O trabalho adota pressupostos sociointeracionista, em que a unidade de análise são as estratégias discursivas, e utiliza-se de metodologias que buscam a análise integrada de produtos e processos de desenvolvimento discursivos cognitivos, da transcrição e análise de texto orais e da análise de texto escritos, em confronto com os correspondentes textos orais. A dialogos na oralidade os indícios da compreensão pelas crianças da diferença entre oralidade e escrita, a construção de interlocutor, a mutua influência entre oralidade e escritas são indicadores de determinação social na elaboração do discurso narrativo. Nesse processo, ás condições de produção desempenha papel crucial.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO II	
QUADRO CONCEITUAL OU QUADRO TEÓRICO.....	11
2.1- O papel da escola na sociedade.....	11
2.2- As relações Língua Oral – Língua Escrita.....	12
2.3- A relação oral/escrita da criança no processo da aprendizagem	14
2.4- Caráter Sóciointeracionista da Linguagem Verbal.....	19
CAPÍTULO III	
METODOLOGIA.....	24
3.1- Espaço e tempo da pesquisa.....	24
3.2- Instrumento utilizado na coleta de dados.....	26
CAPÍTULO IV	
ANÁLISE DOS DADOS	27

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	35

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo aprofundar meu estudo, compreender como ocorre a apropriação do conhecimento, através da leitura oral e escrita no processo de alfabetização na 1ª série do Ensino Fundamental na Escola Municipal Durval Montenegro.

É relevante o estudo em questão na medida em que o processo de alfabetização continua a se apresentar como um desafio para a grande parte dos professores, devido às dificuldades que a escola brasileira vem enfrentando.

Minha inquietação com esta questão decorreu das observações do trabalho realizado com crianças nas séries iniciais sobre tudo com crianças Das séries iniciais sobre Ensino Fundamental.

“O trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva.” (Marcuschi, 1997).

Neste contexto entende que é necessário desenvolver práticas de leitura e escrita. Assim é preciso refletir e conhecer formas se alfabetizar e, analogicamente, refletir sobre o momento histórico-social em que estamos vivendo para operar as devidas transformações.

O presente trabalho tem o propósito de conhecer melhor como ocorreu o processo da língua oral e da escrita, observando como vem sendo trabalhada, bem como os métodos aplicados pelo professor e os resultados obtidos, refletindo também do ponto de vista da criança, sobre as implicações do uso destes métodos para o processo de alfabetização.

A leitura e a escrita são bases para a aquisição de leitura geral, sendo o alicerce da aprendizagem escolar. Porém precisamos obter condições concretas: meios e instrumentos de trabalho, para que se efetive na prática e promova benefícios sociais.

O corpo desta monografia, apresenta à discussão o processo ensino aprendizagem da leitura / escrita, através das quais os professores realizam o processo educativo de leitura / escrita, pois é comum a idéia de que o sucesso da aprendizagem depende do emprego de bons métodos de ensino.

De maneira geral, pode-se dizer que o processo ensino aprendizagem leitura / escrita engloba diversos fatores, e quanto mais ciente estiver o educador de como se dá o processo da aquisição de conhecimento, terá mais condições para encaminhar de forma eficaz e produtiva o processo de aprendizagem leitura e escrita.

Em busca de um trabalho significativo, fundamentei-me nos seguintes autores: Marcuschi / Signorini, Jacob L Mey, Orlandi, Paulo Freire, Emilia

Ferreira e Ana Teberosky, Cagliari, Vigotsky, Magda Soares, Marisa Lajolo, Ângela Kleiman, Geraldini etc.

Pois os mesmos possuem obras significativas que me ajudou a desenvolver o trabalho com êxito e segurança. Espero que este trabalho venha oferecer contribuições para professores, porém parece ser o momento oportuna para uma revisão das idéias educativas.

CAPÍTULO II

QUADRO CONCEITUAL OU QUADRO TEORICO

2.1 – O papel da escola na sociedade

Embora a escola divida a tarefa de educar com outros núcleos sociais, como a família, as comunidades e os meios de comunicação, a escola ainda é o principal foco de organização, sistematização e transformação de conhecimento, o educador e o educando são os principais agentes nesse processo. A escola não tem razão de ser em si mesma. Ela é fruto do meio, assim como o meio assim como o meio é consequência da mesma.

A relação entre educação, escola e sociedade é alvo de uma transformação contínua, que influencia os modelos-vigentes. O desenvolvimento da escola guarda estreita relação com o desenvolvimento tecnológico que o homem adquire meios para compreender e transformar a realidade material (natureza) e a sociedade em que vive, tornando-se apto a exercer sua cidadania.

No mundo em que vivemos, a geração da riqueza está profundamente relacionada à capacidade de produzir conhecimento. Como consequência, a

escola assume um papel indispensável no desenvolvimento socioeconômico de uma nação. Facilitador no processo da transmissão do conhecimento, o educador tem a missão de colaborar para a formação dos valores e de uma base ética que oriente o uso correto do saber científico, estético e tecnológico.

A escola também assume um caráter democratizador à medida que proporciona não apenas o acesso, mas a apropriação do conhecimento. O caráter transformador da escola é determinado pelo grau de consciência, científica, técnica, crítica e criativa que as crianças venham a alcançar. A escola colabora para a transformação social na medida que fomenta as capacidades intelectuais, as atividades e o comportamento crítico em relação a sociedade em que se insere.

Diante disso, os horizontes da escola devem expandir na mesma proporção, trabalhando com realidades mais amplas e fazendo se mais presente na comunidade em que está inserido.

2.2- As relações língua oral- língua escrita

No ensino da Língua, se pretende desenvolver tanto a oralidade quanto a escrita, é de fundamental importância levar a criança a identificar e compreender as relações entre as modalidades de uso da língua a semelhança e diferença entre Língua Oral – Língua Escrita.

A relação entre o sistema ortográfico, a representação, na escrita, dos fonemas, da fala, e a segmentação na escrita, da cadeia sonora da fala. As

atividades de identificação e compreensão, pela criança dessas relações são mais intensas na 1ª série do Ensino Fundamental.

As modalidades oral e escrita ocorrem no nível dos recursos discursivos e lingüísticos que ora se aproximam, ora distanciam uma modalidade da outra. Não há dicotomia entre fala e escrita, as diferenças entre as duas dão num contínuo de estratégias discursivas e lingüísticas segundos os textos orais e escritos.

A fala varia, conforme os contextos de uso, as situações, as condições de produção de texto oral: há uma diferença entre uma conversação espontânea e uma conferência. A escrita também varia dependendo dos contextos de uso; das situações, das condições de produção de texto escrito na qual há uma grande diferença entre uma carta pessoal e um artigo acadêmico. Essas variações as vezes aproximam, as vezes distanciam fala e escrita dos recursos discursivos e lingüísticos que caracterizam a conversação espontânea entre texto oral – texto escrito. Essa identificação e compreensão dessas diferenças e semelhanças é fundamental para que a criança se torne capaz de falar ouvir, ler e escrever adequadamente diferentes gêneros de textos orais e escritos.

“O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento, de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto”. (Ângela Kleeman, 1989, p-13)

2.3- A relação oral / escrita da criança no processo de Aprendizagem

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia-a-dia da maioria das crianças. Porém, as escolas lhe da atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma postura. Seria ingenuidade se atribuísse essa atitude ao argumento de que a fala é tão praticada no dia-a-dia a ponto de pé ser bem dominada e não precisar de ser transformada em abjeto de estudo em sala de aula. Hoje se torna cada vez mais aceita a idéia de que a preocupação com a oralidade deve ser também compartilhada pelos responsáveis pelo ensino de língua. Mas um leitor se forma através de uma pratica constante de leitura, organizada em torno da diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente. A parti de pressuposto de que a leitura é uma prática social, concebemos o leitor não como um mero decodificador, mas como alguém que assume um papel atuante na busca de significações.

Compreendendo que é de responsabilidade do ensino de língua desenvolver no aluno a competência língua, oral e escrita. A oralidade constitui um objeto de estudo, situações em que a criança vivencie concretamente a linguagem como produtor e interlocutor. Sabendo que, mais do que reduzir a oralidade a uma questão de adequação às circunstâncias de uso; nas organização da fala, na diversidade de textos orais e nos aspectos características da língua falada em relação a escrita.

“O trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na preservação de tradições não-escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita fé entrou de forma decisiva”. (MARCUSCHI, 1997)

Espera-se que a criança ao gostar de ler, torna-se um leitor habitual, capaz de interpretar e produzir textos orais e escritos, demonstrando bom nível de competência lingüística e autonomia intelectual.

Este pensamento fundamenta-se nos estudos de Emília Ferreira e Ana Teberosky (1986) que por sua vez baseiam-se na teoria de Jean Piaget, que considera sujeito cognoscente todo aquele que busca adquirir conhecimento e que procura ativamente compreender o mundo a sua volta, tentando resolver as integrações que este mundo propõe.

Quando a criança escreve livremente a seu modo de acordo com suas hipóteses, ela pensa, analisa o que escreve, descobre as contradições, achando um motivo forte para buscar novos esquemas interpretativos. Esses conflitos propiciam a evolução no processo da construção da leitura e da escrita. Ao contrário, a cópia é um obstáculo a criatividade do aluno e deve ser reduzido o seu uso. Quando copia a criança não pensa, contra sua atenção apenas no traçado gráfico, deixando de jogar com suas suposições.

Assim as crianças não aprendem simplesmente porque vêem as outras lerem e escreverem e sim porque tentam compreender que classe de atividade é essa. As crianças não aprendem simplesmente porque vêem letras escritas e sim porque se propõem a compreender porque esses marcos gráficos são diferentes de outros. As crianças não aprendem apenas por terem lápis e papel à disposição e sim porque buscam compreender o que é que se pode obter com esses instrumentos.

Em resumo: não aprendem simplesmente porque vêem e escutam e sim porque elaboram o que recebem, porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhe oferece. (Ferreiro em com se aprende a ler e escrever, apostila, 1996).

Leitura é a linguagem interior, e pensamento ativo por símbolos impressos. O professor deve planejar atividades que levem as crianças a compreenderem o que lêem. Analisar discriminar, ordenar, fazer inferências, tirar conclusões, organizar, criticar, relacionar, indicar idéias mais importantes.

Nesse processo, ação, pensamento e linguagem são fundamentais, são os traços marcantes da presença humana no mundo. A transmissão de significados através da linguagem não ocorre de forma única, estes variam conforme as características dos falantes; sem lugar e grupo de origem dependem ainda dos contextos em que se dá a comunicação, da forma que esta se realiza: Verbal ou Não-verbal, assim como depende dos papéis que as pessoas assumem em diferentes situações. Como afirma Cagbari (1999: 18):

“...a linguagem é um fato social e sobrevive graças às convenções sociais que são admitidas para ela. As pessoas falam de maneira como seus semelhantes e por essa se entendem”.

Considerando a supremacia da linguagem na isenção do homem em seu grupo social, saliento que esta dar-se-á primeiramente, através da alfabetização, processo que precede as primeiras séries do Ensino Fundamental. Inicialmente da alfabetização pode ser conceituada como a aprendizagem da leitura e da escrita, mas quando se entende que esta não se encara antes das séries iniciais, será concebida como um processo de

contínua descoberta, reconhecimento, relacionamento, interpretação e interiorização do universo da língua escrita.

A criança desde cedo aprende a falar e dominar a língua materna, utilizando-a para se comunicar. Ela adquire a linguagem a partir da interação com o adulto, tomando-a mais rica e fluente à medida que é ampla a interação social.

“... A ligação da escrita oral através da alfabetização não é, no plano da comunicação, uma pura ilusão, e se, pelo contrário, a posição do sujeito não é completamente diferente na sua própria enunciação”. (Barthes e Marty 1987.p.46)

Sendo que, a partir do momento em que a invenção da imprensa, o autor e o escreva; a grafia e o texto; o escrito e a escrita fundiram-se e confundiram-se, as relações entre estes elementos (a fala, o escrito e a escrita) também se tornaram complexas, exigindo um maior refinamento de análise, nem sempre encontrado quando se fala de escrita e de seu processo de apropriação pelo aprendiz, na relação com a oralidade.

Creio que a aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com o pensar e o agir do sujeito sabe o objeto que ele quer conhecer, e o conhecimento pela criança se dá a parte do contato deste com a escrita.

A entra na escola, a criança, criança já possui uma competência lingüística. A escola vai desenvolver atividades com o jeito de melhorar seu desempenho oral e adquirir a língua escrita considerando a contextualização e a interação da criança com as convenções de nosso sistema ortográfico, pois a criança não desconhece totalmente a língua escrita.

Sendo a escrita uma prática cultural, é necessário que a criança entenda a utilização e função da linguagem escrita, o que representa e em que situações sócias são utilizadas. Segundo a secretária de ensino fundamental do ministério da educação e do desporto, através dos parâmetros curriculares Nacionais (v. 2: 22): *“Ser um usuário competente da escrita é, ter cada vez mais, condições para a efetiva participação social”*.

Quando escrevemos, queremos dizer alguma coisa a alguém e o nosso dever em relação á linguagem oral, em termos de precisão, clareza e estética. Ato de escrever do aprendiz esforço intelectual, concentração do menino de informação e compreensão do funcionamento da estrutura da língua.

A escrita não pode ser considerada produto exclusiva da escola, independente da vida e da prática social, já que a mesma representa todo esforço da humanidade para representar e legitimar a linguagem.

Para que a escola forma escritores competentes e preciso que forneça condições para os alunos criarem seus próprios textos. Isso só será possível se tiverem amplos repertórios de modelos, permitam criar e recriar suas próprias criações. Não se pode criar do nada: é preciso ler boas referências. E as tais referências, nascem de convívio social da criança com a comunidade literária.

Segundo os PCNs (V2: 36):

“Não se forma bons leitores oferecendo matérias de leitura empobrecido, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhoram com a leitura”.

Formar bons leitores é um desafio para o ensino da língua, formar alguém capaz de selecionar, antecipar, inferir, interferir e verificar através do contato com a diversidade de texto e é preciso negociar conhecimento numa troca de informações, recebendo incentivo de leitores experientes. Quando a criança chega à escola já é um "bom" leitor de mundo, já observa e interage, dando significado a objetos, seres e algumas situações que a rodeia. A criança se utiliza de estratégia em busca de sentido para compreender o mundo.

A escola deve proporcionar experiências ricas de situações de uso da leitura, fornecendo especialmente aquelas crianças que não tiveram a oportunidade de viver estas experiências em seu meio social e familiar.

As situações impostas ao leitor por necessidades sociais são bastante dinâmicas. Quanto mais diversificadas e amplas forem as funções que a escrita assume no meio social, mais variadas vão ser as situações de leitura que o leitor encontra para agir socialmente, para se informar dos acontecimentos, para usufruir os momentos de lazer, e para se situar criticamente diante do processo de desenvolvimento de sociedade.

2.4- Caráter sóciointeracionista da língua verbal

Linguagem se aprende pelo seu próprio uso e não há apenas um uso para a linguagem. É necessário oferecer para os alunos da 1ª série do ensino fundamental material que aponte as múltiplas direções dos usos, não apenas para exercitá-los na produção de textos, mas também promovendo-lhe o

acesso a setores da cultura que ampliem o seu universo de reflexão: seja pelos jornais, pela música, pelas revistas, pela literatura. O texto em sentido amplo continua na sua vida afora.

“a palavra é uma atitude consciente, e a adesão a um sistema lingüístico é em fato de ordem coletiva”

O caráter sociointeracionista da língua verbal aponta para uma opção versificação de saber lingüístico do aluno, como ponto de partida para a decisão daquilo que será desenvolvido, tendo como meta capacitar o aluno a dominar a norma culta tanto na língua oral quanto escrita.

“O contato com uma língua nos permite observar numerosos fatos de ordem extralingüística que atuam nas relações entre palavras e coisas, língua e pensamento”.

As ações escolares são arquitetadas sobre forma de textos que são interpretadas de forma diferente entre professor e aluno. O texto é único como enunciando, mas múltiplo enquanto significado devendo ser objeto de análise.

Cada aluno entende o texto de acordo com a sua visão de mundo. É intenção de professor direcionar o aluno, no intuito de compreender e analisar o texto.

A linguagem verbal representa a experiência de ser humano na vida social e essa não é uniforme. A linguagem gera a sociabilidade. Os sentidos e significados gerando na interação social produzem uma linguagem que, apesar de utilizar uma mesma língua, varia na produção e na interpretação.

A leitura oral de texto é o momento oportuno da aula para proporcionar uma interação professor/aluno, aluno, aluno/ texto onde deve ser um momento prazeroso.

Sendo que, a partir do momento em que a invenção da imprensa, o autor e o escreva; a grafia e o texto; o escrito e a escrita fundiram-se e confundiram-se, as relações entre estes elementos (a fala, o escrito e a escrita) também se tornaram complexas, exigindo um maior refinamento de análise, nem sempre encontrado quando se fala de escrita e de seu processo de apropriação pelo aprendiz, na relação com a oralidade.

Creio que a aprendizagem é um processo de apropriação do conhecimento que só é possível com o pensar e o agir do sujeito sabe o objeto que ele quer conhecer, e o conhecimento pela criança se dá a parte do contato deste com a escrita.

Ao entrar na escola, a criança, criança já possui uma competência lingüística. A escola vai desenvolver atividades com o jeito de melhorar seu desempenho oral e adquirir a língua escrita considerando a contextualização e a interação da criança com as convenções de nosso sistema ortográfico, pois a criança não desconhece totalmente a língua escrita.

Sendo a escrita uma prática cultural, é necessário que a criança entenda a utilização e função da linguagem escrita, o que representa e em que situações sócias são utilizadas. Segundo a secretária de ensino fundamental do ministério da educação e do desporto, através dos parâmetros curriculares Nacionais (v. 2: 22): *“Ser um usuário competente da escrita é, ter cada vez mais, condições para a efetiva participação social”*.

Quando escrevemos, queremos dizer alguma coisa a alguém e o nosso dever em relação á linguagem oral, em termos de precisão, clareza e estética. Ato de escrever do aprendiz esforço intelectual, concentração do menino de informação e compreensão do funcionamento da estrutura da língua.

A escrita não pode ser considerada produto exclusivo da escola, independente da vida e da prática social, já que a mesma representa todo esforço da humanidade para representar e legitimar a linguagem.

Para que a escola forma escritores competentes e preciso que forneça condições para os alunos criarem seus próprios textos. Isso só será possível se tiverem amplos repertórios de modelos, permitam criar e recriar suas próprias criações. Não se pode criar do nada: é preciso ler boas referências. E as tais referências, nascem de convívio social da criança com a comunidade literária.

Segundo os PCNI (V2: 36):

“Não se forma bons leitores oferecendo matérias de leitura empobrecido, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhoram com a leitura”.

Formam bons leitores é um desafio para o ensino da língua, formam alguém capaz de selecionar, antecipar, inferir, interferir e verificar através do contato com a diversidade de texto e é preciso negociar conhecimento numa troca de informações, recebendo incentivo de leitores experiente. Quando a criança chega á escola já é um “bom” leitor de mundo, já observa e interage, dando significado a objeto, seres e algumas situações que a redera. A criança se utiliza de estratégia em busca de sentido para compreender o mundo.

A escola deve proporcionar experiências ricas de situações de uso da leitura, fornecendo especialmente aquelas crianças que não tiveram a oportunidade de viver estas experiências em seu meio social e familiar.

As situações de leitores impostas por necessidades sócias é bastante dinâmico. Quanto mais diversificados e amplos forem as funções que a escrita assume no meio social, mais variadas vão ver as situações de leitura que o leitor encontra para agir socialmente, para se informar dos acontecimento, para usufruir os momentos de lazer, e para se situar criticamente diante do processo de desenvolvimento de sociedade.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1- ESPAÇO E TEMPO DA PESQUISA:

Ao realizar minha investigação escolhi a Escola Municipal Durval Montenegro situada no povoado de Tamboril, Morro do Chapéu, devido às dificuldades apresentadas pelas crianças na construção da língua oral e escrita na 1ª série do Ensino Fundamental.

Optei por uma metodologia de pesquisa qualitativa participante, observações em sala de aula e questionamentos, pois esta abordagem se distingue das outras por permitir ao pesquisador entrar em contato direto com a realidade e o espaço pesquisado.

Não tenho a intenção em generalizar a pesquisa, meu objetivo é conhecer melhor como ocorre a aquisição da língua oral - língua escrita observando como vem sendo trabalhada, quais os métodos aplicados pelo professor e os resultados obtidos, refletindo também, do ponto de vista da

criança, sobre as aplicações do uso desses métodos para o processo de alfabetização.

Minha escolha pela referida escola é de fundamental interesse por ser a escola um local de trabalho onde percebo as dificuldades já mencionadas e com o propósito de entender melhor o processo.

É de fundamental importância que se perceba o grande valor que tem a língua oral e a língua escrita para as pessoas da sociedade, pois sendo ambas, meio de comunicação, permitem a interação do homem na sociedade, e em diversas situações do cotidiano, ressaltando a visão de que muitos autores se propuseram a estudar o tema que me serviu de base na fundamentação teórica.

A observação em sala de aula, me proporciona constatar que uma das maiores dificuldades para a criança é o entendimento entre a relação oral/escrita.

Esta pesquisa teve curta duração, pois o seu início foi em 26/05/2004, e seu término em 22/06/2004, mais foi o suficiente para que detectasse as dificuldades relacionadas à língua oral e a língua escrita na 1ª série do Ensino Fundamental.

3.2 Instrumentos utilizados na coleta de dados:

Para realização da minha pesquisa, escolhi o professor e os 20 alunos da 1ª série da Escola Municipal Durval Montenegro, os quais possibilitaram informações e produções que contribuíram para o desempenho do trabalho.

Sendo uma pesquisa de campo, fiz um levantamento de dados no próprio local, onde os fatos ocorreram.

Minha intenção a escolher a escola citada anteriormente, foi a de verificar como o professor trabalha a questão de Língua Oral e da Escrita e se a maneira com estava trabalhando estava sendo satisfatória para a aprendizagem das crianças, pois ficou sabido que o professor não dispõe de conhecimentos das teorias que devem embasar o processo, o qual envolve simultaneamente o Oral e a Escrita.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

A partir dos dados coletados, e hipóteses formuladas para melhor compreensão e análise, venham comprovar ou não a veracidade da problematização do tema proposto.

Apesar da criança trazer do seu ambiente familiar conhecimentos adquiridos da sua própria vivência, conforme a pesquisa realizada é a escola que processa a alfabetização sistematizadora.

O meio sócio-econômico das crianças não contribui para a construção da linguagem oral e da escrita na 1ª série do Ensino Fundamental que de acordo com a entrevista ficou confirmada a influência.

Segundo os dados estatísticos 75% dos alunos não têm acesso em casa a livros, revistas, jornais etc, isto vem confirmar a hipótese quando menciona-se que muitas crianças não têm ambiente propício para desenvolvimento da oralidade e da escrita.

Considerou-se também como critério de análise o tempo de experiência do professor que é de apenas um ano nessa área, não estando preparado para

alfabetizar as crianças da 1ª série do Ensino Fundamental, contribuindo para dificultar a construção da oralidade e da escrita. Embora venha sendo capacitado ainda depara com alguns entraves que estão presentes no seu dia-a-dia na sala de aula.

Todo o questionário foi respondido e devolvido pelo entrevistado.

A seguinte pergunta foi feita para o professor entrevistado: Quais os métodos que você utiliza para alfabetizar?

O professor respondeu o seguinte:

"Ditado de palavras, produção de texto oral e escrito, músicas, jogos e brincadeiras."

O entrevistado não define o método utilizado e ficou claro que não tem conhecimento do que seja um método, confundindo com metodologia.

Através das observações na sala de aula, verificou-se que o ditado é uma prática constante, mais não está sendo aplicada adequadamente, do ponto de vista pedagógico e o mesmo não deve ser utilizado como instrumento de avaliação qualitativa das crianças.

Ao fazer a pergunta, se o método utilizado tem facilitado ou dificultado o seu trabalho, afirma que:

"Tem facilitado bastante, porque utilizando métodos diferentes, atinge os objetivos desejados."

Percebe-se que não está familiarizado com os métodos e tem uma visão destorcida do que seja método e metodologia.

Ao questionamento *“As crianças apresentam dificuldades na oralidade e na escrita? Quais?”* O entrevistado respondeu o seguinte:

“As crianças enfrentam dificuldades, e muitas não conseguem diferenciar oralidade de escrita”.

Muitas vezes o professor não considera a oralidade e a escrita, exige da criança habilidades que não fazem parte do seu dia-a-dia até aquele presente momento. Capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras, ouvir e ter consciência da fala para saber escolher a escrita certa para simbolizar cada fala. Depois dessas habilidades serem atingidas pela criança, teremos crianças preparadas e empenhadas em aprender a ler e escrever.

Diante do questionamento: *“Que atividade você considera mais importante para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças? Porque?”*

“Texto, ditado, receitas, jogos pedagógicos e brincadeiras coletivas.”

Estas atividades são atraentes e envolventes, pois proporciona às crianças o desenvolvimento de habilidade no processo da aprendizagem.

É importante que o professor planeje atividades orais e escritas que dêem oportunidade às crianças de interação com grandes variedades textuais.

Ficou evidente que o professor observado, sente-se inseguro em relação ao ensino da língua, ou seja, a concepção desse professor, resume-se em ler e escrever mecanicamente, deveria decorrer de um processo de aquisição a se construído por aqueles que aprendem. E através da percepção dos resultados

das combinações das hipóteses que as crianças têm a respeito da língua oral/escrita que poderão tornar-se efetivamente bons leitores e escritores, influenciados pelas concepções e experiências daqueles que ensinam.

CAPITULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O domínio da língua oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem o acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos sabores lingüísticos, necessário para o exercício da cidadania, direito a todos”. (PCN-p.15).

Compete à escola, além de estimular o desenvolvimento de conhecimentos e técnicas que favoreçam o domínio da língua, oral e escrita, estimular também a tomada de posições diante da leitura. Quanto mais diversificada e ampla forem as funções que a escrita assume no social, mais variadas serão as situações de leitura que a criança encanta para agir socialmente, para usufruir do momento de lazer, para se situar criticamente diante do processo de desenvolvimento da sociedade.

Assim, é necessário entender o processo de apropriação de conhecimento da língua, oral e escrita, em que a criança gradativamente, irá

amplamente e rever suas formas de ler o mundo e representá-lo com domínio das regras que regem nosso sistema, a criança ampliará indefinidamente sua possibilidade de cognição.

Diante das inúmeras dificuldades apresentadas pelo professor entrevistado, com relação ao ensino da língua, é lógico concluir que tem pouco conhecimento nesta área e carece de um aperfeiçoamento, pois para ser bom alfabetizador é preciso que esteja preparado, que saiba conduzir o processo de alfabetização de forma a demonstrar que a língua, oral e escrita têm função aqui e agora e não apenas num futuro distante. É provável que a criança se sinta motivada para o esforço que a aprendizagem exige, mas cabe ao professor facilitar o conhecimento incentivando o aluno na manutenção do esforço.

O professor pode variar a sua prática pedagógica usando matérias e atividades diversificadas, criando situações novas e atraentes evitando o tradicional.

Pôde-se perceber que o professor através das observações em sala de aula realizava atividades que envolviam a oralidade e a escrita, mas, nem sempre, as crianças estavam envolvidas.

Ficou claro que, como agente transformador e multiplicador do saber, é preciso que o professor tenha domínio seguro das teorias que perpassam a compreensão da problemática que cerca a língua oral e a língua escrita.

Evidentemente, quando a escola, tiver a intenção de aproximar, assumir a responsabilidade e contribuir para que a criança torne-se alfabetizada desde o início do processo, teremos indivíduos integrados e participantes não só na escola, mas na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental, ***Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa***. 3 ed. Brasília: MEC/ SET, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. ***Alfabetização e lingüística***. 10 ed, São Paulo: Editora scipione, 1999.

CUNHA, Celso. ***Língua Portuguesa e realidade brasileira***. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia de Autonomia***. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACEDO, Roberto Sidnei. ***A etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação***. Salvador: EDUFBA, 2001.

MARCUSCHI, L.A . ***Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º grau: uma visão crítica***. In. Ed. REUNIÃO. Anual da SBPC. Belo Horizonte, 1997.

MEY, JACABZ. ***As vezes da sociedade***. São Paulo: Mercados das letras, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. ***As formas do silêncio no movimento dos sentidos. Coleção repertorias*** 5 ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2000.

SIGNORINI, Inês (org). ***Investigando a relação oral/ escrita e as teorias de letramento***. São Paulo: Mercado das letras, 2001.

SMOLKA, Ana Lucia Góes Cecília (ORG) – A linguagem e o outro no espaço escolar: a conclusão de conhecimento. Campinas: Ática, 1993.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNO.

Nome:

Idade:

Escola:

Série:

1- Quem o alfabetizou?

 Professor Pais Outros

2- Onde foi alfabetizado?

 Escola casa

3- Qual

 alta média baixa

4- Em casa há livros de histórias, revistas, jornais ou outros tipos de livros?

 sim não

5- Idade que foi alfabetizado?

 7 anos 8 anos mais de 8 anos

6- Você gosta de produzir textos orais ou escritos?

 orais escrito

ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSOR

Professor, solicito sua colaboração e o preenchimento desse questionário que tem por finalidade observar as práticas de atividades orais e escritas no Ensino Fundamental. Todas as informações são confidenciais.

1-Data:

2-Nome:

3-Escola:

4-Turma:

5-Localidade da Escola:

rural urbana

6- Como acontece o planejamento das atividades?

individual coletiva

7- A escola dispõe de material suficiente para a realização de seu trabalho?

sim não

8- Quais os métodos que você utiliza para alfabetizar?

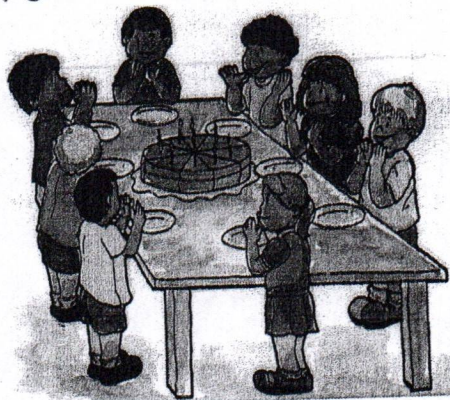
9- O método utilizado tem facilitado ou dificultado seu trabalho?

10- As crianças apresentam dificuldades na oralidade e na escrita?

Quais?

11-Que atitude você considera mais importante para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças? Por que?

PRODUÇÃO DE TEXTO



15-06

O menino viu a mãe do pai
e a mãe do pai e a mãe do pai
e a mãe do pai e a mãe do pai
e a mãe do pai e a mãe do pai
e a mãe do pai e a mãe do pai
e a mãe do pai e a mãe do pai
e a mãe do pai e a mãe do pai
e a mãe do pai e a mãe do pai

Ditado de Texto

O Sonho do Balãozinho

O Balãozinho

caiu no yandi da casa

~~grande~~. Balãozinho ficou

triste - ele queria subir alto,
muito alto.

um dia o Vatinho fez

o Balãozinho subir

muito alto.

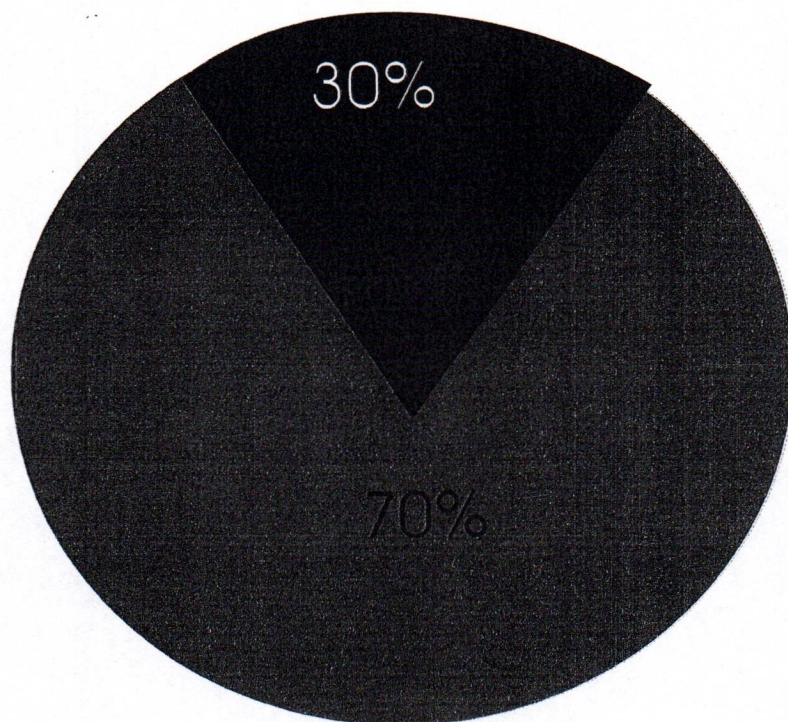
quando ele chegou

na Gira, viu uma


estrela que brilha

na noite São João

Gráfico Nº 01

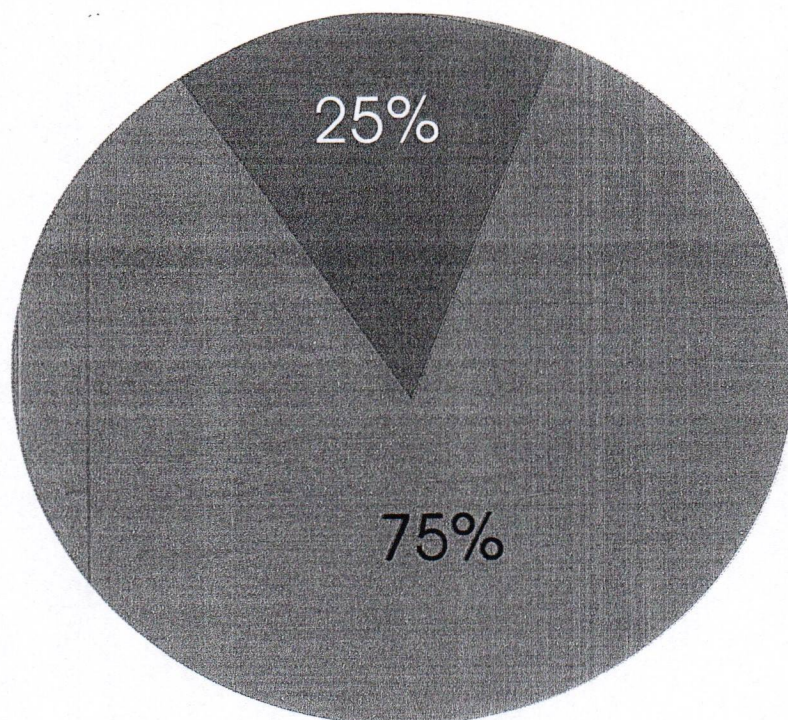


Qual o meio social que está inserido?

 Média

 Baixa

Gráfico Nº 02



Em sua casa há livros de histórias, revistas, jornais ou outros tipos de livros?

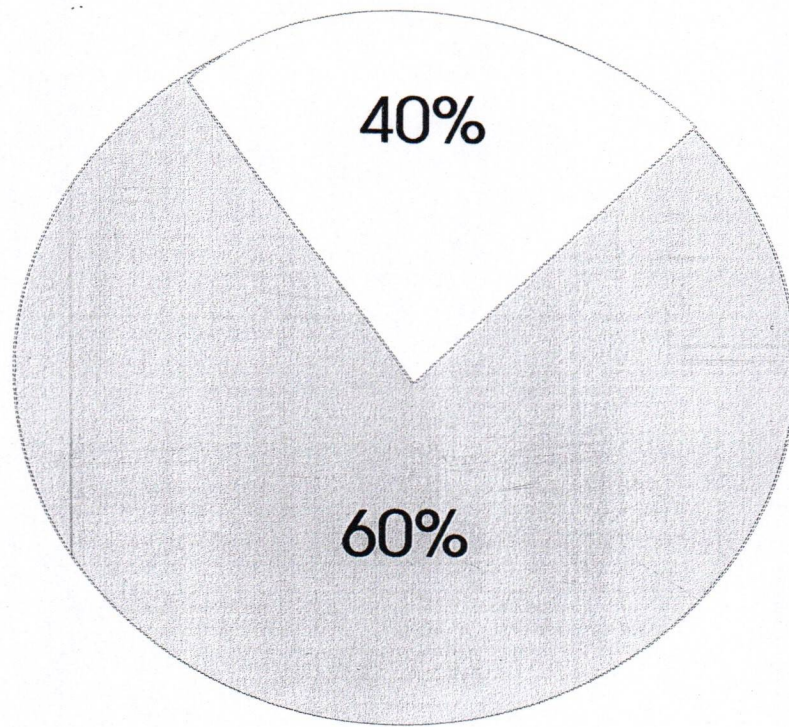


Sim



Não

Gráfico Nº 03



Você gosta de produzir textos orais ou escritos?



Orais



Escritos